

Tyara Lopes de La-Rocque

**Jornalismo literário na revista Trip:
Um olhar sobre as reportagens de Arthur Veríssimo**

**CELACC/ECA – USP
2013**

Tyara de La-Rocque¹

**Jornalismo literário na revista Trip:
Um olhar sobre as reportagens de Arthur Veríssimo**

Trabalho de conclusão do curso de pós-graduação em Mídia, Informação e Cultura, produzido sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Joana Rodrigues.

**CELACC/USP
2013**

¹ Graduada em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo pela Universidade da Amazônia - UNAMA. Este artigo foi redigido como trabalho de conclusão do curso de pós-graduação lato sensu em Mídia, Informação e Cultura, organizado pelo Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação, da ECA/USP, no ano de 2013, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Joana Rodrigues.

Resumo: Um olhar sobre as práticas de reportagem efetuadas no Brasil mostra que a adoção do jornalismo literário como modelo não é recorrente na imprensa brasileira atual. O modelo da pirâmide invertida para a construção de uma notícia ainda é prioridade em muitos veículos de comunicação. A proposta deste trabalho é abordar a relevância do jornalismo literário num contexto em que as determinações mercadológicas limitam a atividade criativa e repetem fórmulas. O objeto de estudo do artigo é a revista Trip, com análises de cinco reportagens do jornalista Arthur Veríssimo. Para tal estudo, recorreu-se ao sociólogo Zygmunt Bauman acerca das suas considerações sobre produto cultural, sociedade contemporânea e cultura de massa.

Palavras-chave: Jornalismo literário; Zygmunt Bauman; revista Trip; Arthur Veríssimo

Abstract: A close look upon the brazilian journalism practices shows that the use of the new journalism as a model is not iterant in brazilian press. The style of inverted pyramid to create the news is still a priority in many communication vehicles. The purpose of this work is to discuss the relevance of new journalism in a context where the determinations of the market tendencies limit the creative activity and repeat formulas. The subject matter of the article is the Trip magazine, with analyzes of five reports of journalist Arthur Veríssimo. For this study, we used the sociologist Zygmunt Bauman about their considerations of the cultural product and contemporary society.

Keywords: New journalism, Zygmunt Bauman, Trip Magazine, Arthur Verissimo

Resumen: Una mirada en las prácticas de los reportajes realizados en Brasil muestra que la adopción del periodismo literario como modelo no es recurrente en la prensa brasileña actual. El modelo de la pirámide invertida para la construcción de una noticia sigue siendo una prioridad en muchos medios de comunicación. El propósito de este estudio es analizar la relevancia del periodismo literario en un contexto en el cual las determinaciones mercadológicas limitan la actividad creativa y repiten fórmulas. El objeto de este artículo es la revista TRIP, con análisis de los cinco informes del periodista Arthur Verissimo. Para este estudio, fueron utilizadas las consideraciones del sociólogo Zygmunt Bauman respecto el producto cultural y la sociedad contemporánea.

Palabras clave: Periodismo Literario, Zygmunt Bauman, revista Trip, Arthur Verissimo

Agradecimentos

- A Deus, por ser a minha fortaleza diária, sempre renovando a minha fé, me dando forças, esperanças, especialmente para que eu pudesse superar todos os obstáculos e contratempos encontrados ao longo da produção deste trabalho;
- Aos meus pais, Solange e Sérgio, pela minha existência, por respeitarem a minha escolha profissional, apoiarem o ingresso neste curso de pós-graduação e pelo amor incondicional;
- Aos meus irmãos Mayara e Sérgio Júnior, pela torcida, amor e cumplicidade, sempre.
- Ao meu namorado Felipe, por me incentivar todos os dias, pelo companheirismo nos períodos complicados, por ser um exemplo de garra e perseverança, pela compreensão, confiança e amor.
- A minha orientadora Joana Rodrigues, por aceitar ser minha mentora intelectual neste artigo e abraça-lo com entusiasmo, dedicação e profissionalismo. O apoio e estímulo dela foram fundamentais neste trabalho;
- Aos colegas de sala, que se tornaram pessoas queridas e inesquecíveis na vida;
- Aos professores, pelo empenho ao longo do curso, conhecimentos e experiências compartilhadas.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	SOBRE JORNALISMO E LITERATURA	6
3	SOBRE JORNALISMO DE REVISTA	7
4	SOBRE JORNALISMO LITERÁRIO	9
4.1	A VERTENTE GONZO.....	11
4.2	CULTURA DE MASSA E JORNALISMO LITERÁRIO.....	12
4.3	QUARTO PODER EM CRISE.....	15
5	SOBRE A REVISTA TRIP	17
5.1	ARTHUR VERÍSSIMO, O REPÓRTER EXCEPCIONAL	17
6	ANÁLISE DAS REPORTAGENS	18
6.1	COMO É A LINGUAGEM DO REPÓRTER.....	18
6.2	O REPÓRTER PERSONAGEM.....	20
6.3	COMO O REPÓRTER SEDUZ O LEITOR.....	21
6.4	A LITERATURA NO JORNALISMO.....	22
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
8	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	24
9	ANEXOS	25

1. Introdução

Desde o fenômeno da revista Realidade, na década de 60, pouco se praticou jornalismo literário no Brasil, pelo menos na grande imprensa. Não há hoje no país um veículo que produza jornalismo literário com tanta intensidade como na época da Realidade. Atualmente, o livro-reportagem é o grande colaborador do Jornalismo Literário e o veículo que dá mais liberdade a esse tipo de prática.

À mistura do jornalismo e literatura convencionou-se denominar “jornalismo literário”. Esta modalidade aparece primeiramente em solo americano, com jornalistas como Tom Wolfe, Truman Capote, Gay Talese e Norman Mailer, contestando o modelo da pirâmide invertida, deixando de lado a estrutura clássica de texto factual e acrescentando elementos literários nas produções. Esta corrente mudou a forma de se fazer jornalismo na década de 60.

Hoje, devido à grande quantidade de informações disponível para acesso - com mais facilidade e rapidez - torna-se comum o não aprofundamento em conteúdos e temáticas, criando-se uma cultura de superfícies, fato refletido também nos veículos de comunicação. A imprensa direciona as pautas basicamente para o noticiário diário e entretenimento, sem maiores preocupações com conteúdos mais sólidos, ricos e aprofundados sobre os assuntos.

Se apropriando da noção de durabilidade colocada pelo sociólogo Zygmunt Bauman, pode-se afirmar que um produto cultural é aquele que transcende o seu uso, isto é, que está para além da sua função mais imediata, escapando, portanto, do seu aspecto estritamente funcional. Desse modo, o jornalismo literário se opõe ao jornalismo convencional, na medida em que este se encerra no superficial, cumprindo unicamente a função de comunicar um fato ou entreter, deixando de lado a perspectiva da criação de linguagem e de uma percepção do mundo que seja mais fundante.

O jornalismo literário, além de ser uma escrita que flerta com técnicas do trabalho literário, utilizando-se principalmente de recursos estilísticos como figura de linguagem com metáforas, prosopopéias, hipérbole, eufemismo, entre outros, se propõe também a instigar, seduzir, provocar sensações e despertar o interesse do leitor. É uma especialização do jornalismo que foge do lugar comum, rende textos que rompem com visões óbvias ou hegemônicas sobre a realidade. À medida que busca ir além de uma compreensão factual dos fenômenos, o jornalismo literário amplia o horizonte de compreensão da realidade.

Deve-se considerar a conjuntura neoliberal contemporânea e como ela gerencia o processo midiático, fazendo do jornalismo, segundo Ignacio Ramonet (2012), algo subjugado pelas corporações da indústria cultural, atendendo as demanda da globalização. Assim o chamado “quarto poder” ou “contra poder” não passa de um agente do sistema hegemônico. RAMONET (2012) fala de uma mudança cultural aguda, que implica numa crise do modelo de negócios do jornalismo, na medida em que este disputa agora com a internet e suas múltiplas e cada vez mais democráticas possibilidades.

O jornalista perde o monopólio da novidade, da produção e da disseminação da informação, concorrendo, segundo o jornalista e sociólogo galego, com os chamados web-atores. As plataformas digitais (twitter, facebook, blogs etc.) relativizam o papel do repórter que trabalha na redação de jornal, provocando uma conjuntura específica.

1. Sobre Jornalismo e Literatura

Na sua essência, o jornalismo é uma representação discursiva de fatos construída para se relatar a outrem. O jornalismo profissionalizado é uma invenção Moderna, ligada à aparição da tipografia e ao surgimento, expansão e aquisição de periodicidade da imprensa na Europa, embora tenha como antecedente as folhas noticiosas volantes manuscritas e impressas que surgiram entre a Baixa Idade Média e o Renascimento. No século XIX, o aparecimento de dispositivos técnicos, impressoras e rotativas, permitiram a massificação dos jornais.

Não é de hoje que o jornalismo e a literatura caminham de mãos dadas. Os jornais sempre estiveram próximos da literatura, por conta da linguagem utilizada e pela presença de escritores na imprensa, seja como repórteres ou cronistas. No século XVIII e XIX, eram os escritores de prestígio que tomavam conta dos jornais, determinando a linguagem e o conteúdo dos periódicos. Um dos principais instrumentos nessa época foi o folhetim, um estilo discursivo que registra a confluência entre jornalismo e literatura e que explora as narrativas literárias. Citando Edvaldo Pereira (2009):

A literatura e a imprensa confundem-se até os primeiros anos do século XX. Muitos jornais abrem espaço para a arte literária, produzem folhetins, publicam suplementos literários. É como se o veículo jornalístico se transformasse numa indústria periodizadora da literatura da época. Esse aspecto divulgador, oportunidade inovadora de chegar à coletividade, é o fator que atrai os escritores e ao mesmo tempo inaugura o tradicional debate em torno do “vampirismo” que o

exercício da profissão de jornalista exerce sobre os ficcionistas (PEREIRA, 2009: p.174)

No Brasil do século XIX (até o início do século XX) foram muitos os escritores que passaram por jornais e deixaram registros de crônicas e folhetins, a exemplo de Joaquim Manuel de Macedo, Euclides da Cunha, Aloísio de Azevedo e Machado de Assis. Em 1852, Manuel Antonio de Almeida publicou Memórias de um Sargento de Milícias páginas do Correio Mercantil. Neste sentido, Felipe Pena (2011) afirma que foi justamente no século XIX que a influência da literatura no jornalismo tornou-se mais visível.

O casamento entre imprensa e escritores era perfeito. Os jornais precisavam vender e os autores queriam ser lidos. Só que os livros eram muito caros e não podiam ser adquiridos pelo público assalariado. A solução parecia óbvia: publicar romances em capítulos na imprensa diária [...] Não bastava escrever muito bem ou contar uma história com maestria. Era preciso cativar o leitor e fazê-lo comprar o jornal do dia seguinte. (PENA, 2011: p. 32)

Jornalismo e literatura possuem funcionalidades diferentes, ao que Nilson Lage (2001) indica “O jornalismo se propõe processar informação em escala industrial e para consumo imediato. As variáveis formais devem ser reduzidas, portanto, mais radicalmente do que na literatura.” É na virada do século XX, mais precisamente na década de 50, com as transformações estilísticas e gráficas dos jornais, que a presença de escritores começa a diminuir nas redações. A concisão e a objetividade começam a substituir as narrativas e a literatura se torna apenas um suplemento. Como explica PENA (2011)

Os suplementos têm a função de acrescentar alguma coisa aos jornais, mas devem seguir incondicionalmente as características da imprensa moderna. Ou seja, não só estão submetidos a regras básicas do discurso jornalístico (clareza, concisão e objetividade), como têm na venda seu objetivo primordial. No caso da Literatura, isso significa que os lançamentos terão lugar de destaque, pois estão inseridos na lógica de um valor-notícia fundamental, que é o da novidade. (PENA, 2011: p. 40)

”
Ainda de acordo com PENA (2011), é nesse contexto que o culto à celebridade e os assuntos inusitados passam a ser bastante valorizados. Deste modo, “qualquer

personalidade que escreva um livro (músicos, políticos, atores, etc.) tem lugar garantido nas páginas dos suplementos, da mesma forma que os títulos referentes a escândalos ou revelações bombásticas” (PENA, 2011: p. 41).

Na estrutura do jornalismo moderno e convencional, o lead é a estratégia narrativa fundamental, com a função de conferir objetividade à notícia; é a abertura da reportagem, o primeiro parágrafo que relata o fato mais importante do noticiário. O lead responde as chamadas perguntas básicas no jornalismo tradicional, a saber: O que? Quando? Onde? Por quê?

A fórmula tornou o jornalismo mais ágil e menos prolixo. Ainda segundo PENA (2011) “A opinião ostensiva foi apenas substituídas por aspas previamente definidas e dissimuladas no interior da fórmula. A pasteurização dos textos é nítida. Falta criatividade, elegância e estilo” (2011: p. 15).

Um procedimento comum e essencial à prática jornalística contemporânea é a redução das notícias para permitir imediata compreensão pelo autor e leitor. Através desse procedimento, os noticiários aparecem simplificados, reduzindo a capacidade real de entendimento da totalidade do significado da notícia.

No universo da literatura, o uso das letras traz uma proposta um pouco diferente do jornalismo. Apesar de existirem teorias com explicações variadas sobre a literatura, é comum a ideia de que trata-se de uma linguagem “especial”, em contraste com a linguagem “comum”, usada habitualmente. Eagleton Terry (1994) diz que a literatura é definida não somente pelo fato de ser ficcional ou “imaginativa”, mas porque emprega a linguagem de forma peculiar, transforma e intensifica a linguagem comum, afastando-a da fala cotidiana. TERRY (1994) afirma “Trata-se de um tipo de linguagem que chama a atenção sobre si mesma e exhibe sua existência material, ao contrário do que ocorre com frases tais como ‘Você não sabe que os motoristas de ônibus estão em greve?’ (2009, p.2)

Neste sentido, Jonathan Culler (1999) considera que a literatura envolve tanto as propriedades de linguagem quanto um tipo especial de atenção a linguagem. O autor afirma que são nas obras literárias que o leitor encontra com mais facilidade relações de reforço, contraste e dissonância:

Na literatura, é mais provável que procuremos e exploremos as relações entre forma e sentido ou tema e gramática, e tentando

entender a contribuição que cada elemento traz para o efeito do todo, encontremos integração, harmonia, tensão ou dissonância (CULLER, 1999: p.37)

Marisa Lajolo (1995) diz que o que torna qualquer linguagem “isto ou aquilo” é a situação de uso. Sobre literatura, a autora afirma:

A linguagem parece tornar-se literária quando seu uso instaura um universo, um espaço de interação de subjetividades (autor e leitor) que escapa ao imediatismo, à predictibilidade e ao estereótipo das situações e usos da linguagem que configuram a vida cotidiana. (LAJOLO, 1995: p.38)

Para Alceu Amoroso Lima (1990) literatura é toda expressão verbal com ênfase nos meios de expressão; no qual a palavra é um fim em si. O autor diz:

A palavra é a diferença específica da literatura entre as outras artes. Mas a palavra com valor de fim e não apenas com valor de meio. O que faz com que a História ou a Filosofia, Matemática ou Física sejam diferentes de Literatura, é que nelas, além da especificidade diferente do seu objeto a palavra tem apenas valor de meio. (LIMA, 1990: p. 34)

2. Sobre Jornalismo de revista

A revista é considerada um periódico propício à adoção do jornalismo literário, primeiramente por ter um padrão de noticiar os fatos de maneira diferente, já que o tempo para o trabalho de produção da notícia é maior. Além disso, a utilização de variados recursos para a ampliação da reportagem como adição de fotos, tabelas, infográficos, entre outros, ajudam a ter um trabalho bem elaborado e com mais qualidade. Outro ponto que diferencia a revista dos outros meios de comunicação é o seu formato, que pela qualidade do material impresso, ajuda com que o veículo seja menos descartável que o jornal impresso, por exemplo.

A primeira revista de que se tem notícia surgiu na Alemanha, em 1663 e chamava-se Erbauliche Monats-Unterredungen. A publicação tinha estilo de livro e só foi considerada revista porque trazia vários artigos sobre um mesmo assunto, no caso teologia, e era voltada para um público específico.

Ao longo do século XIX, as revistas foram ganhando espaço, mas num primeiro momento não tinham grandes pretensões intelectuais, eram mais uma pura forma de

entretenimento e diversão; traziam gravuras e fotos que serviam para distrair seus leitores. Com o avanço técnico da indústria gráfica e o aumento do índice de escolarização, as revistas ocuparam um espaço entre o livro e o jornal, ajudando na formação e na educação de uma parte da população que precisava de informações específicas e que não tinham acesso aos livros.

As revistas sempre foram um pouso natural para escritores e intelectuais. O gênero reportagem de revista se moldou no Brasil a partir da crônica, utilizada pelos literatos para tratar de fatos efêmeros. Com a revista, o jornalista passou a criar matérias para além dos fatos comuns e cotidianos; olhares mais atentos e aprofundados sobre assuntos nas áreas de esporte, arte, política, moda, gastronomia, entre outros segmentos, ganharam um espaço diferenciado nas revistas.

Para Marília Scalzo (2006), as revistas são de tudo um pouco: veículos de comunicação, produtos, negócios, marcas, objetos, conjunto de serviços, uma mistura de jornalismo e entretenimento. SCALZO (2006) diz:

Revista une e funde entretenimento, educação, serviço e interpretação dos acontecimentos. Possui menos informação no sentido clássico (“as notícias quentes”) e mais informação pessoal (aquela que vai ajudar o leitor em seu cotidiano, em sua vida prática). Isso não quer dizer que as revistas não busquem exclusividade no que vão apresentar a seus leitores. Ou que não façam jornalismo. (SCALZO, 2006: p.65)

No universo das revistas, tudo pode ser pautado, de cosméticos a rituais xamânicos, desde que sempre sejam seguidos os procedimentos básicos do jornalismo. No jornalismo de revistas, o leitor é alguém específico, com cara, nome e necessidades próprias. Quem define a revista, acima de tudo, é o seu leitor.

A revista tem foco no seu público e fala diretamente com ele, trata-o por “você”, diferentemente dos noticiários diários. Há uma preocupação em buscar caminhos alternativos, linguagens diferenciadas e ter uma identidade.

Em jornal, até hoje, é relativamente fácil definir a pauta: de um modo geral, os acontecimentos cotidianos a definem. Para o jornalismo diário, a grosso modo, basta cobrir bem os fatos do dia-a-dia. No caso do jornalismo de revistas a lógica é outra, principalmente em se tratando de publicações quinzenais e mensais. A periodicidade mais elástica exige que o jornalista encontre novos enfoques para os

assuntos de que vai tratar, buscando sempre uma maneira original de abordá-lo. (SCALZO, 2006: p.65)

O leitor de revista constrói uma relação com a sua revista: cria expectativas, idealizações, elogia, reclama, defende, acredita e confia. SCALZO (2006) afirma que jornalismo, de fato não é literatura, mas que as técnicas literárias podem, sim, ajudar muito, um jornalista a escrever melhor.

Cores, cheiros e descrições cabem no texto de revista. Apresentar os personagens, humanizar as histórias, dar o máximo de detalhes sobre elas, também. Aprender técnicas de construção de personagens, técnicas narrativas e descritivas é fundamental para quem quer escrever grandes reportagens. (SCALZO, 2006: p.77)

4. Sobre Jornalismo Literário

Gabriel García Márquez é autor de uma frase que caracteriza bem o jornalismo literário: “A melhor notícia não é a que se dá primeiro, mas a que se dá melhor.” Para um jornalista literário, a notícia é só um começo de uma boa história.

Quando se fala em jornalismo literário, muitos ainda confundem o gênero com o “novo jornalismo”, como se fossem sinônimos. Na realidade, novo jornalismo é um momento específico, uma fase exuberante do jornalismo literário, ocorrida nos anos 1960 e ancorada, principalmente, no surgimento de obras de autores como Truman Capote, Norman Mailer, Gay Talese e Tom Wolfe.

Outro equívoco comum é achar que jornalismo literário trata-se de um jornalismo no qual são abordados temas somente relacionados à literatura, ou então, um espaço para a produção de contos e crônicas. Na realidade, no Brasil, o jornalismo literário é classificado de diferentes maneiras, como explica PENA (2011):

Para alguns autores, trata-se simplesmente do período da história do Jornalismo em que os escritores assumiram as funções de editores, articulistas, cronistas e autores de folhetins, mais especificamente no século XIX. Para outros, refere-se à crítica de obras literárias veiculadas em jornais. Há ainda os que identificam o conceito com o movimento conhecido como New Journalism, iniciado nas redações americanas na década de 1960. E também os que incluem as biografias, os romances-reportagem e a ficção jornalística, (PENA, 2011: p. 21)

Vitor Necchi (2007) esclarece que o gênero “não se trata de jornalismo de literatura, ou seja, que se ocupa de literatura como objeto”, e afirma que um dos diferenciais do jornalismo literário é acabar com alguns mitos do jornalismo, como a impessoalidade e a preferência pelo lead. O autor caracteriza o jornalismo literário pela “profunda observação, imersão na história a ser contada, fartura de detalhes e descrições, texto com traços autorais, reprodução de diálogos e uso de metáforas, digressões e fluxo de consciência”.

Sendo assim, a proposta do jornalismo literário é potencializar os recursos do jornalismo, deixando o leitor contextualizado na reportagem, partindo do princípio que a comunicação vai além de noticiar fragmentos da realidade. A narrativa deve tornar o texto mais interessante, mas o conteúdo precisa ser rigorosamente real, senão, não é jornalismo, e sim literatura. Ao que PEREIRA (2009) explica:

Qualquer texto jornalístico, para ser considerado como tal, deve informar, portanto elementos da realidade que o tornam verossímil, identificável, por muitos de nós. Tratam-se de dados primários que ancoram a matéria naquilo que podemos aceitar como real e concreto. A exatidão e precisão, portanto, fazem parte do ideário. Contudo, o modo como se atende a esse quesito no jornalismo literário é muito mais criativo – e desafiador – para o autor do que no jornalismo convencional. (PEREIRA, 2009: p. 355)

O jornalismo literário pode ser utilizado em todas as editorias, pois ele é universal. Para esse gênero não existe temática específica - nem desinteressante – qualquer assunto pode ser abordado, tudo sempre vai depender do olhar do repórter e de como a história pode ser interpretada e contada. Qualquer abordagem, de qualquer assunto, nunca passará de um recorte, por mais completa que seja; a preocupação é contextualizar a informação da forma mais ampla possível para o leitor.

A grande questão desse gênero é entrar nos assuntos através da figura humana, em vez de entrar por números e dados frios. PEREIRA (2009) ressalta que a humanização evita os estereótipos, visando retratar seres humanos com virtudes e defeitos, e não pessoas tratadas como fontes de informação; são personagens e protagonistas de histórias.

Toda boa narrativa do real só se justifica se nela encontrarmos protagonistas e personagens humanos tratados com o devido cuidado, com a extensão necessária e com a lucidez equilibrada onde nem os endeusamos nem os vilipendiamos. Queremos antes de tudo descobrir o nosso semelhante em sua dimensão humana real, com suas virtudes e fraquezas, grandezas e limitações. (PEREIRA, 2009: p. 359)

PENA (2011) afirma que o jornalista literário não ignora o que aprendeu no jornalismo diário, o que ele faz é desenvolver essas técnicas para novas estratégias profissionais e potencializar os recursos do jornalismo.

Os velhos e bons princípios da redação continuam extremamente importantes, como por exemplo, a apuração rigorosa, a observação atenta, a abordagem ética e a capacidade de se expressar claramente, entre outras coisas. (PENA, 2011: p.14)

Jornalismo literário é um trabalho de mergulho na realidade e de compartilhamento de uma informação, não se detêm apenas em noticiar como um periódico. Há uma mescla de subjetividade e realidade, o cruzamento do factual com o poético, ampliando o universo da comunicação, com uma leitura mais abrangente, perspicaz e minuciosa.

A subjetividade e a narrativa em primeira pessoa são traços marcantes desse estilo e não utilizados no jornalismo convencional. Porém, PEREIRA (2009) esclarece que o jornalista literário não julga ou opina panfletariamente sobre um assunto e sim, busca não somente explicar os fatos, mas compreendê-los por inteiro, tentando ultrapassar os estereótipos.

Compreender é diferente de explicar. A explicação adota geralmente uma visão unilateral, verticalizada, de cima para baixo, reducionista. Mostra o mundo sob uma ótica única ou de pouca abertura. Já a compreensão busca exibir o mundo sob perspectivas diversificadas. Mais do que isso, ilumina as conexões entre conteúdos aparentemente desconectados. Interliga dados, mostra sentidos, perspectivas. Faz, nos bons casos de jornalismo literário, com que o leitor perceba o que tem a ver, com sua própria vida, tudo aquilo que está lendo. (PEREIRA, 2009: p.366)

No jornalismo tradicional é comum o repórter realizar as entrevistas por telefone ou via e-mail. Sendo assim, o contato físico com o entrevistado não existe e o jornalista

não vive a experiência da pauta, fato que ocasiona certo distanciamento e frieza em relação aos fatos e ao entrevistado. Portanto, aspectos como a observação e o próprio feeling do repórter podem ser comprometidos. Ao que PENA (2011) ressalta:

Não pense que basta aplicar os recursos para se tornar um jornalista literário. Principalmente porque você só conseguirá aplicá-los se for um repórter extremamente engajado, entrevistando com exaustão cada um de seus personagens até arrancar tudo que puder com o máximo de profundidade possível. Para isso é preciso passar vários dias com as pessoas sobre as quais vai escrever. E, no momento de mostrar os diversos pontos de vista, sua capacidade de descrição deve superar os melhores romances realistas. (PENA, 2011: p. 55, 56)

LIMA (1990) discute a ideia que o jornalismo, como gênero literário, deve ser, antes de tudo, uma arte, uma atividade livre do nosso espírito no sentido de fazer bem alguma obra. Neste sentido, o jornalismo é uma arte da palavra, em que esta possui um valor próprio. O modo de dizer é um elemento capital para que o jornalismo, como qualquer outro emprego da palavra, seja ou não uma arte. Citando LIMA (1990):

Quando a utilização da palavra, em um jornal, tem apenas um fim pragmático não é jornalismo. Mas por seu lado, se tem um fim puramente estético, mesmo que esteja numa folha diária, também não é jornalismo. Uma poesia publicada em um jornal também não é jornalismo, continua a ser poesia. Assim a crítica etc. O que faz o gênero jornalismo não é o meio da expressão, é o modo de expressão, é a natureza da expressão. (LIMA, 1990: p.56)

4.1 A vertente Gonzo

O Jornalismo Gonzo é uma vertente mais radical do Novo Jornalismo. Criado e popularizado por Hunter S. Thompson nos anos 60, este estilo de reportagem é caracterizado por um envolvimento profundo e pessoal do repórter no processo de elaboração da matéria. Nesse caso, não há uma preocupação em procurar um personagem para a história, o autor é o próprio personagem. Além disso, não há tanta preocupação em ter uma linguagem culta e explorar os recursos literários no texto, o mais importante é a reconstrução dos acontecimentos a partir da visão do jornalista-personagem. Ao que PENA (2011) explica:

Tudo o que for narrado é a partir da visão do jornalista. Irreverência, sarcasmo, exageros e opinião também são características do Jornalismo Gonzo. Na verdade, a principal característica dessa vertente é escancarar a questão da impossível isenção jornalística tanto cobrada, elogiada e sonhada pelos manuais de redação. (PENA, 2011: p.57)

Descompromissado com o lead, o jornalista gonzo preza a liberdade de expressão, é avesso às convenções e se propõe até a mistura de ficção e não ficção no texto.

5. Cultura de Massa e Jornalismo Literário

É importante perceber o jornalismo literário inserido num contexto mercadológico, dentro das determinações que o mercado impõe, valorizando a informação enquanto mercadoria, em detrimento de um jornalismo mais criativo e propositivo que tenha, em última análise, a capacidade de impor uma qualidade de percepção do mundo.

Deste modo, observa-se a dicotomia entre um jornalismo ordinário, funcional, convencional, dominante e voltado para o entretenimento e mercado, e de outro, o literário, e, por vezes, experimental, mais desapegado das fórmulas tradicionais e banais, ainda que não por completo. Mais próximo da prática jornalística do segundo grupo, a revista Trip abre espaço para o jornalismo mais experimental e livre, pois, de acordo com Paulo Lima, diretor da Trip, a criatividade e a ousadia nas pautas estão entre os princípios da revista.

Ainda segundo Paulo Lima, a publicação entrou no mercado em 1986 com o objetivo de “tentar servir como uma espécie de observatório das mudanças do mundo [...] é um jornalismo de reflexão pura”, características estas que, de acordo com o sociólogo Zygmunt Bauman (2009), se aproximam de ser um produto cultural, isto é, que está para além das meras determinações do mercado do entretenimento.

BAUMAN (2009) usa a noção de cultura de massa como entendimento chave na estratégia de argumentação do seu conceito de modernidade e vida líquida. O sociólogo tem em vista o caráter manipulador e formador que a cultura exerce no mundo contemporâneo, sendo, portanto, sempre indesejável algo que surpreenda e desestabilize noções pré-concebidas. Assim BAUMAN (2009), nos diz no começo do terceiro capítulo do livro Vida Líquida (2009: p.71): “A ideia de cultura foi cunhada e batizada

no terceiro quartel do século XVIII como termo sintético para designar a administração do pensamento e do comportamento humanos”.

Com efeito, para o teórico polonês, a cultura, do modo como é assimilada hoje, mostra um caráter de dominação. Ela nasce, por assim dizer, da intenção de normatizar, regular, controlar, calcular e abalizar a conduta, tendo em vista sempre o controle das probabilidades:

A palavra “cultura” *não* nasceu como um termo descritivo, uma forma reduzida para as já alcançadas, observadas e registradas regras de conduta de uma população. Só cerca de um século mais tarde, quando os gerentes da cultura olharam em retrospecto para aquilo que tinham passado a ver como criação sua e, seguindo o exemplo de Deus, na criação do mundo, como carga positiva, é que “cultura” passou a significar a forma como um tipo regular e “normativamente regulado” de conduta humana diferia de outro, sob outro gerenciamento. A ideia de cultura nasceu como uma *declaração de intenções*. (BAUMAN, 2009: p.71)

A noção moderna de cultura nasce dentro da intenção do gerenciamento, e, portanto da intenção dos seus gerentes de moldar os seus alvos. Em outras palavras, a cultura de massa, este nome genérico da cultura moderna, nasce da instrumentalização do homem, olhando para ele basicamente como ser produtivo e previsível no que diz respeito ao seu papel no mundo capitalista de consumo. É papel dos gerentes, formar e moldar, quando necessário, os gerenciados, controlando seus atos, pensamentos, consumos e, em última instância, seu modo de vida.

BAUMAN (2009) é categórico em afirmar que este procedimento do controle e gerenciamento limita a ação do homem, pois anula a liberdade, tornando tudo mais previsível e certo. Neste sentido, o sociólogo afirma:

Gerenciar, em suma, significa conseguir que as coisas fossem feitas de uma forma que as pessoas não fariam por conta própria e sem ajuda. Significa *redirecionar* eventos segundo motivos e desejo próprios. Em outras palavras, “gerenciar” (controlar o fluxo de eventos) veio a significar a manipulação de probabilidades: fazer a ocorrência de certas condutas (iniciais ou reativas) de “pessoas, animais etc.” mais provável do que seria de outro modo, tornando menos provável ou, de preferência, totalmente improvável a ocorrência de outros movimentos. Em última instância, “gerenciar” significa limitar a liberdade do gerenciado. (BAUMAN, 2009: p.72)

Os gerentes da cultura se interessam em “distorcer o impulso da cultura no sentido da exploração e experimentação, de modo a ajustá-lo a estrutura de racionalidade traçadas pelos gerentes” (BAUMAN, 2009: p.74)

Deste modo, o espaço da cultura onde há liberdade é justamente o espaço onde não há instrumentalização, gerenciamento e controle. Por conseguinte, emerge a desconfiança de que existe pouco espaço para se exercer a liberdade neste contexto. O jornalismo (e toda produção cultural), cada vez mais amarrado na funcionalidade que o mercado exige (instrumentalização), vê-se em apuros quanto ao seu exercício propositivo, inovador, formador de democracia e modos de ver o mundo.

A questão da durabilidade do bem cultural vem à tona, já que segundo o olhar de BAUMAN (2009), corroborando com a filósofa alemã Hanna Arendt, um objeto é cultural na medida em que escapa à funcionalidade do uso, isto é, quando não é mera mercadoria de consumo. Ele retoma Arendt para argumentar:

Um objeto é cultural dependendo da duração de sua permanência: seu caráter durável se opõe ao aspecto funcional, aquele que o faria desaparecer do mundo dos fenômenos pelo uso e pelo desgaste [...] A cultura se encontra ameaçada quando todos os objetos do mundo produzidos atualmente ou no passado são tratados unicamente como funções dos processos vitais – como se não tivessem outra razão a não ser a satisfação de alguma necessidade -, e não importa se as necessidades em questão são supérfluas ou básicas. (BAUMAN 2009: p.76)

Vê-se que o objeto cultural transcende o seu uso e durabilidade, opondo-se ao seu aspecto estritamente funcional. Assim, ainda nos diz BAUMAN (2009): “Ser usado e consumido na hora e dissolver-se no processo do consumo instantâneo, não são o destino dos produtos culturais nem o critério do seu valor”. Em suma, o objeto é cultural quando escapa ao uso que orientou a sua criação, tendo um fim em si mesmo.

BAUMAN (2009) alerta para o fato de que os mecanismos de controle se atualizam. Aliás, é justamente essa capacidade de se atualizar, que faz com que os mesmos sejam cada vez mais sutis e se dêem nas entrelinhas. Alerta para o regime neoliberal, que em vez de mostrar sua faceta autoritária de modo explícito, ao contrário seduz e faz com que cada indivíduo vigie a si mesmo e ao outro, sendo um agente da manutenção do sistema:

Para começo de conversa, a “revolução gerencial versão dois” foi sub-repticiamente conduzida sob o estandarte do “neoliberalismo”: os gerentes passaram da “regulação normativa” para a “sedução”; do monitoramento diário para as RP; e do modelo panóptico de poder, indiferente, sobrerregulamentado, com base na rotina, para a dominação exercida por meio de uma incerteza difusa, sem foco, da *precarité* e de uma quebra de rotina incessante e aparentemente casual. (BAUMAN 2009: p.77 e 78)

De fato, no mundo que se põe a nossos olhos, isto é, gerenciando também por um “poder novo”, o dos grupos ligados ao setor digital, vê-se os mesmos procedimentos de controle dos grupos mais estabelecidos (político e econômicos). Neste ponto salienta Ignacio Ramonet (2012), fazendo o paralelo entre as mídias ligadas a redes de informática e os grupos políticos, econômicos e financeiros no mundo neoliberal.

Preocupados com a continuidade de seu gigantismo e com a conquista de novos mercados que os obrigam a cortejar os outros poderes, os grandes grupos midiáticos não se propõem mais, como objetivo cívico, a ser um “quarto poder” nem a denunciar os abusos contra o direito ou corrigir as disfunções da democracia. Eles não querem sequer se apresentar como um “quarto poder”, e ainda menos *agir* como um contrapoder. [...] Se eles continuam a invocar-se como um “quarto poder” é porque somam-se agora aos outros poderes dominantes: político, econômico e financeiro. E porque eles quase não tem mais escrúpulos em dominar, por sua vez, como poder suplementar, os cidadãos. (RAMONET, 2012: p. 38)

O jornalismo literário é capaz de propor o novo, o pessoal, o indeterminado. Mesmo se apresentando nos moldes de quaisquer outros bens de consumo, apresenta um caráter de permanência, duração e indeterminação. Isto porque, o gênero também explora uma linguagem mais experimental, poética e pessoal.

4.2 Quarto poder em crise

É indiscutível que a quantidade de informação que circula no mundo hoje é a maior de todos os tempos, mas a despeito de isso parecer algo essencialmente positivo,

nos coloca, por outro lado, a questão da insegurança informacional. Em outras palavras, é preciso refletir sobre até que ponto o excesso de informação nos desinforma.

Nesse sentido, RAMONET (2012) fala de uma censura democrática, ressaltando a sutileza do atual contexto, que diferente dos regimes autoritários de outrora, agem por dentro do processo econômico e político.

Mas em nossas sociedades democráticas, as informações tornaram-se tão abundantes, tão saturadas de parasitas (*soft news, infotainment, trash news*) que elas nos asfixiam e nos impedem de saber quais “outras informações” nos são ocultadas. Dessa forma, entre a liberdade de informação e os cidadãos, eleva-se a pilha de informações hiperabundantes, tão insuperável, ou quase, quanto os obstáculos impostos pelas ditaduras. Em outros termos, é o “muro da informação” que nos impede de ter acesso à informação. Esse excesso bloqueia o caminho para o conhecimento. O homem contemporâneo corre, assim, o risco de se tornar um ignorante saturado de informações. (RAMONET, 2012: p. 53,54)

Na medida em que a informação cada vez mais circula como mera mercadoria, isto é, atendendo estritamente à demanda de mercado, coloca em xeque a credibilidade da informação, acentuada também devido ao triunfo do jornalismo de especulação, de divertimento e de espetáculo, em detrimento de um jornalismo que preze pela qualidade e criatividade. A internet ajuda a difundir essa dupla perspectiva, isto é, se de um lado democratiza o acesso e produção da informação, por outro reafirma a crise de credibilidade das mídias. Ao que RAMONET (2012) diz:

Nas mídias on-line, os novos jornalistas tem tendência a dedicar espaço, sobretudo à difusão de notas em vez de pesquisar informações ou desenvolver reflexões. Eles se tornaram certamente mais reativos, mas menos meditativos, mais atraídos por eventos, mas insensíveis ao contexto [...] Existe também a obsessão pela rapidez, pelo mediatismo, que conduz as mídias a multiplicarem os erros, a confundir frequentemente rumores e fatos verificados. (RAMONET 2012: p. 54)

Ora, nesse contexto observa-se que a prática do jornalismo literário, na medida em que, indica ser mais livre e propositiva (do ponto de vista da linguagem e do olhar) se afirma como um estilo de resistência e referência.

5. Sobre a revista Trip

A revista Trip é uma publicação da editora Trip, lançada no mercado em 1986, portanto, há 27 anos. Desde o início, a proposta é a de um veículo de comunicação em busca por inovações e que apresente um jornalismo contemporâneo, voltado para a diversidade e amplitude de temas e opiniões.

Mensalmente, a Trip lança uma edição temática, abordando assuntos como sexo, alimentação, educação, drogas, ativismo, amizade, cultura de praia, segurança pública, entre outros. Embora a revista traga a abordagem de temas que são universais e atemporais, existe a preocupação de discutir, especialmente, questões atuais.

Hoje, a revista Trip tem uma tiragem de 45 mil exemplares, com distribuição nacional. Segundo dados do departamento de Relações Públicas da revista Trip, o público que lê a revista tem a faixa etária de 19 a 25 anos, 35% pertence a classe A, 51% classe B e 12% classe C e 96% possui ensino superior completo. Os homens leitores correspondem a 78% e as mulheres, 22%.

Segundo Paulo Lima, diretor da Trip, a revista tem como marca a experimentação e a ausência de visões pré-concebidas, o que para ele, é o grande diferencial da revista. “Acho um jornalismo sincero, bastante contemporâneo. Nós experimentamos as coisas, vivenciamos para poder compartilhar. É um jornalismo muito voltado para a diversidade, amplitude das opiniões e para discutir todos os ângulos das questões; um jornalismo sem preconceitos. Nós vemos muito esse tipo de jornalismo hoje, a turma que vai a campo buscar aspas para aquelas teses que eles já têm”.

Com efeito, vê-se na revista um estilo como o do jornalista Arthur Veríssimo, que mistura os estilos gonzo e literário, valorizando a provocação e a autenticidade de temas, trazendo singularidade para as reportagens. Ao que o diretor Paulo Lima diz sobre Arthur: “Ele não é só um repórter e sim uma especialista em experimentações, que gosta de dividir as vivências que tem com as pessoas. Acho o trabalho dele original e importante para a revista”.

5.1 Arthur Veríssimo, o “repórter excepcional da Trip”.

Arthur Veríssimo é um jornalista brasileiro, colaborador mensal da revista Trip, chamado pela equipe de repórter excepcional. O trabalho que Arthur desenvolve na Trip destaca-se pela forma peculiar das suas narrativas, com a inserção de elementos da

literatura e opiniões pessoais no texto jornalístico. Além disso, o repórter comumente encarna o personagem central das matérias, vive a experiência, narra e compartilha o acontecimento com o leitor. Sem formação acadêmica no jornalismo, Arthur é jornalista pelo exercício da profissão há 27 anos, quando começou os trabalhos na Trip, no início da revista.

6. Análise das reportagens

Durante a produção do artigo, foram analisadas cinco reportagens do jornalista Arthur Veríssimo. O objetivo foi identificar a existência de traços do jornalismo literário nas matérias, e, portanto também na revista Trip. Doze edições foram lidas e estudadas; as selecionadas para este trabalho foram: “Desacelere já” (setembro/2009), “Sexo” (dezembro/2010) “Intolerância” (abril/2011), “Celebração” (janeiro/2012) “Segurança” (fevereiro/2013). O critério de escolha foi destacar para este trabalho as reportagens que apresentam - com mais evidência - elementos do jornalismo literário.

6.1 Recuperando o fato e trazendo a cena: a narratividade.

Textos narrativos contêm mais do que palavras: trazem cores, cheiros, sabores, impressões, pensamentos, emoções, profundidade. Por isso, é comum que a boa narrativa faça o leitor vibrar. Arthur Veríssimo traz em suas reportagens, a narratividade, principal característica do jornalismo literário. Nas matérias, o uso da primeira pessoa rompe a distância comum existente entre repórter e leitor, tornando o texto mais pessoal, opinativo e participativo. Deste modo, o autor sai da objetividade, característica do jornalismo convencional e traz para o texto um olhar subjetivo sobre os fatos, permitindo ao repórter mais liberdade de expressão e de construção de um estilo próprio. Além disso, possibilita não apenas um simples relato de um acontecimento, mas sim contar a notícia a partir da própria percepção de Veríssimo. Neste sentido, LIMA (1990) aponta:

A liberdade é outra condição para o jornalista desenvolver seu estilo próprio [...] o estilo próprio é a marca do jornalista de destaque, a afirmação de sua personalidade. Assim a liberdade, a “máxima liberdade” é uma exigência do jornalismo como gênero literário (LIMA, 1990: p.20)

A adoção da subjetividade, se bem aplicada, adiciona singularidade ao texto e não compromete a veracidade da informação. A narratividade de Veríssimo resgata o fato e propõe um preenchimento maior no texto, alongando a informação, montando um cenário para a apresentação da notícia. Exemplos: *“Minha experiência com veículos movidos a tração humana e animal, como riquixás e jeriquixás, esparrama-se por todos os continentes. Mas aqui na minha terra eu nunca havia sentado em uma carroça [...] Resolvi vasculhar bairros afastados da região metropolitana de São Paulo. Na região km 25 da rodovia Raposo Tavares, perto Granja Viana, localizei um grupo de amigos que conserva suas charretes e cavalos como se estivessem em um Shangri-lá”*; *“Inspirado por esses levantes, resolvi tornar pública uma causa que há muito assolava a Trip: entrevistar Silvio Santos”*; *“Rebobinava algumas lembranças de passagens da minha vida em que estivera acampado”*, *“Passo a mão sobre uma sinuosa estátua e repentinamente sinto uma baita energia rasgando minhas entranhas. Efeito Kundalini. Fico de failus erectus diante das ninfas e da força magnética do templo. Sim, de pau duro. Êxtase em Khajuraho. Respiro profundamente e equalizo a energia em meu corpo”*; *“Afim, sou integrante do time. E nossa nobre função é zelar, veja você, pela integridade da dupla romântica Zezé Di Camargo & Luciano”*.

Usando a linguagem coloquial, sem rebuscamentos, o jornalista cria proximidade e dialoga com quem lê as reportagens. As expressões, o palavreado e o modo como as histórias reais são escritas que personalizam o trabalho jornalístico. Ter esta narratividade só é possível porque o veículo de comunicação abre espaço para a prática. *“Observo que as estátuas são sexualmente ativas, mas não estão obcecadas pelo sexo: nem contra, nem a favor. Tudo ali é desavergonhadamente terreno e infinitamente de outro mundo. Orgia voluptuosa.”*; *“O olhar da manauara é de uma criança agradecida.”*; *“Não há como passar incólume pelo carisma dos garotos”*; *“Quando você começa a entrar nos templos percebe que o sexo se dilui. Casais ainda estão presentes, em profundo amor, olhando nos olhos um do outro, se abraçando, mas a sexualidade não está mais presente. Entre ainda mais no templo, e os casais desaparecem. O templo está completamente escuro, em silêncio, calmo e quieto. Não existe sequer a figura de um deus. A parte externa é um carnaval. O recanto mais íntimo é nada, é a meditação, é samadhi”*.

Percebe-se o domínio da linguagem jornalística, com textos precisos, sempre informativos, dados estatísticos, não ficcionais, o que mostra a preocupação do repórter em comprovar a veracidade dos fatos e dar credibilidade a notícia apresentada. Porém, além dos preceitos básicos do jornalismo convencional, o autor adiciona recursos

literários nos textos, como metáfora, onomatopeias, sinestesia, hipérbole, entre outros, para a construção de um vocabulário mais elaborado. Citando PENA (2011):

A ideia básica do Novo Jornalismo americano, ainda nas palavras de Wolfe, é evitar o aborrecido tom beje pálido dos relatórios que caracteriza a tal “imprensa objetiva”. Os repórteres devem seguir o caminho inverso e serem mais subjetivos. Não precisam ter a personalidade apagada e assumir a encarnação de um chato de pensamento prosaico e escravo do manual de redação. (PENA, 2011: p. 54)

Em alguns textos, o jornalista utiliza gírias e palavrões, adicionando mais expressividade e informalidade à linguagem do texto. O palavrão ou palavrados de baixo calão não são aceitáveis no jornalismo literário, mas podem ser encarados como uma representação da língua; só há espaço por que reproduz a fala do povo. *“Seis milhões de veículos para 11 milhões de pessoas. Mais de um carro para cada dois habitantes em São Paulo. Um recorde de 295 km de congestionamento registrado em 10 de junho deste ano. E 800 veículos novos despejados por dia nos 16.000 km de vias asfaltadas da cidade, no embalo da isenção fiscal para a indústria automobilística. Só podia dar merda!”; “O que o Lobão detona é que vocês, juntamente com Fiuk e Luan Santana, não possuem paudurescência nenhuma”.*

Se o estilo comum do jornalismo exige certas condições intrínsecas e rigorosas, o estilo próprio admite a liberdade. LIMA (1990) diz que a afirmação do estilo próprio passa então a ser a própria afirmação. “Preenchidas as condições comuns – precisão, concisão, clareza, cultura – então a liberdade, em vez de ser condicionada pelo gênero, é uma exigência dele mesmo e da condição do próprio jornalista” (1990: p.70). De acordo com este pensamento, Arthur Veríssimo é o seu próprio guia, imprimindo a sua personalidade nas reportagens, sendo menos preocupado com o estilo comum da profissão e, portanto, não deixando na sombra o próprio estilo.

6.2 O repórter personagem

Inversamente a proposta do jornalismo convencional, que busca o personagem ideal para complementar e dar veracidade as reportagens, Arthur Veríssimo incorpora o próprio personagem nas matérias, vivenciando as experiências propostas nas pautas. Embora em alguns casos Veríssimo tenha a participação de um entrevistado, no geral, o jornalista segue a proposta de ser o personagem central, dando um caráter experimental

e peculiar ao seu trabalho. PEREIRA (2009) afirma que a imersão do jornalista literário no assunto é vital para a compreensão da realidade. “O autor precisa partir a campo, ver, sentir, cheirar, apalpar, ouvir ambientes por onde circulam seus personagens. Precisa interagir com eles. Deve vivenciar parte da experiência de vida que eles vivem” (2009, p. 373).

Segundo Paulo Lima, as reportagens que costumam repercutir mais são as que Veríssimo entra em simbiose com a equipe da Trip, entende o direcionamento da pauta e, nas palavras do diretor, “interpreta da maneira divertida dele”. À medida que o repórter se torna o personagem da matéria, conseqüentemente, além de humanizar o texto, novamente se aproxima do leitor. Como reitera Paulo Lima: “A grande graça do Arthur é que ele revela a imperfeição que todos nós temos. Ele não é um cara que se coloca como bonito, literato ou com mil habilidades especiais; ele se coloca como um de nós”. Exemplos: “*Nosso repórter fluorescente encarna o quinto elemento do Restart*”; “*A vida é um contêiner de surpresas e eis que, desta vez, me apanho em ambiente inóspito, como parte de uma egrégora de seguranças vestidos com sua clássica indumentária, a saber: terno escuro, gravata lisa, sapato engraxado e, o mais importante de tudo, o carão*”; “*Acordei de sopetão. Passara um par de horas delirando com esse encontro inusitado com Silvio Santos. Estava embriagado com a fleuma poética do Merlin do Baú da Felicidade. Minha mente sapecava com a possibilidade do contato imediato de primeiro grau com Silvio. Missão impossível?*”.

A pauta existe, o direcionamento também. Porém, o olhar do jornalista, a experiência e o envolvimento pessoal na matéria é que dão o norte e o diferencial na escrita de Veríssimo. Observa-se que a imersão serve para investigar os padrões de comportamento dos personagens de uma história, para compreender as motivações, valores, origens e conseqüências de uma postura e também para humanizar o próprio autor da narrativa. Neste sentido, PEREIRA (2009) pontua com precisão e clareza: “Primeiro o autor mergulha no real, vive intensamente, de corpo e alma, a experiência de vida dos personagens. Depois é que se afasta, reflete sobre a vivência, deixa as emoções, as intuições e os pensamentos assentarem-se. E então escreve” (2009, p.373).

Nem sempre se faz necessário a imersão de um modo radical. Entretanto, no caso de Veríssimo, verifica-se que a prática da vertente gonzo é bastante presente, na medida em que o jornalista procura quase sempre ser o próprio protagonista das histórias, retratando-as com o máximo de veracidade e fidelidade possível, através da vivência. Corroborando com o que PENA (2011) diz sobre o jornalismo gonzo:

Não se procura um personagem para a história; o autor é o próprio personagem. Tudo o que for narrado é a partir da visão do jornalista [...] a principal característica desta vertente é escancarar a questão da impossível isenção jornalística tanto cobrada, elogiada e sonhada pelos manuais de redação. (PENA, 2011: p. 57)

A encarnação do personagem central e o embarque profundo nos assuntos refletem tanto na forma de apuração da notícia quanto no estilo peculiar de narrar o texto. *“Como sabíamos que na quarta-feira haveria gravação, montamos nosso bunker em praça pública, na calada da noite. Nossa barraca se destacava ao lado de uma banca de jornal na avenida Faria Lima, colada com a Cidade Jardim, duas artérias vitais da cidade de São Paulo”*.

Paulo Lima ressalta que Veríssimo não estudou jornalismo, “se formou na vida, viajando por aí, experimentando as mais diversas fontes de conhecimentos”, fato que segundo o diretor, além de vir ao encontro da proposta da Trip, dá condições para o repórter desenvolver um trabalho único na revista. “É uma pessoa capaz de enfrentar situações que muitos jornalistas recusariam ou teriam receio”, afirma Paulo.

6.3 O fato no imaginário

Posterior à tarefa de apurar os fatos, vem o segundo – e talvez o maior- desafio de qualquer jornalista: seduzir o leitor através das palavras. Conquistar um leitor exige mais do que apenas técnicas de apuração e uma boa escrita; é necessário imprimir personalidade e originalidade ao texto. No jornalismo literário vários recursos são utilizados para tornar a narrativa mais interessante e atraente. PENA (2011) apresenta exemplos como “Registrar diálogos completos, registrar hábitos, roupas, gestos e outras características simbólicas do personagem [...] detalhamento do ambiente, expressões faciais, costumes e todas as outras descrições” (2011: p. 54, 55).

Nas matérias de Veríssimo, nota-se que o jornalista faz uso constante de uma descrição minuciosa dos acontecimentos e lugares, assim, transmite sensações e provoca a imaginação do leitor, fazendo com que o mesmo sinta um pouco da experiência vivida por ele: *“A interação entre artistas e público é impressionante, mesmo para quem não é muito afeito ao pop romântico de herança sertaneja. O êxtase é coletivo, mas devo manter a compostura. Sou um totem entre os seguranças da casa, impávidos, de costas para o palco e atentos ao público. Flashes disparam, celulares captam imagens.*

Explode o coral feminino de centenas de vozes. Lágrimas vertem de olhos apaixonados. Famílias se abraçam, casais se entrelaçam e se beijam”.

A realidade apresentada não é apenas a que se pode ver, é, sobretudo, a que se pode sentir, perceber. Complementando nas palavras de PENA (2011):

Uma obra baseada nos preceitos do Jornalismo Literário não pode ser efêmera ou superficial. Diferentemente das reportagens do cotidiano, que em sua maioria, caem no esquecimento do dia seguinte, o objetivo aqui é a permanência. Um bom livro permanece por gerações, influenciando o imaginário coletivo e individual em diferentes contextos históricos. Para isso é preciso fazer uma construção sistêmica do enredo, levando em conta que a realidade é multifacetada, fruto de infinitas relações, articulada em teias de complexidade e indeterminação. (PENA, 2011: p. 15)

O humor é também uma característica marcante – e sedutora- nas narrativas de Veríssimo, trazendo descontração para as reportagens. É no viés humorístico que o repórter costuma manifestar doses de ironias, reflexões e críticas. Exemplos: “*O primeiro foi o sonoro grito de ‘Róóquei!’ Suas risadas e seus haikais conduziam minha trip. ‘Vem pra cá, vem pra cá. É solteiro, casado ou tico-tico no fubá? Quem quer dinheiro? Qual a sua caravana?; Meu visual é motivo de gargalhadas da equipe. Já fui de tudo nesta vida, cromagnon, hippie, rajneesh, beatnik, neandertal, protopunk e agora um tardio emosapien”;* Não há como passar incólume pelo carisma dos garotos”.

6.3 A notícia em prosa

No jornalismo literário a dinâmica da escrita se diferencia por abrir espaço para a inserção de técnicas literárias nas reportagens, possibilitando textos mais criativos, ousados e de valor estético. Literatura e jornalismo se entrelaçam nos textos de Veríssimo. Com a utilização de recursos literários, entre eles, onomatopeias, metáforas, além do uso constante de variadas formas de pontuações, interjeições, o repórter adiciona mais beleza, poesia e autenticidade as reportagens. Corroborando o que PENA (2011) afirma: “É possível abusar das interjeições, dos itálicos e da sucessão de pontuações. Uma exclamação, por exemplo, pode vir após uma interrogação para expressar uma pergunta incisiva. Por que não?!” (2011: p. 54).

O uso da literatura, sem dúvida, distingue o trabalho de Veríssimo, pois dá ênfase ao estilo da narrativa e possibilita um texto mais interessante, poético, além de explorar a criatividade do autor. E, de maneira alguma, a literatura compromete o fato real, imprescindível num texto jornalístico. Veríssimo noticia fatos verídicos nas reportagens, por que antes de tudo, a pauta do jornalismo literário é baseada num acontecimento real. Ao que LIMA (1990) afirma:

O jornalismo, por conseguinte, tem todos os elementos que lhe permitem a entrada no campo da literatura, sempre que seja uma expressão verbal com ênfase nos meios de expressão e com todos os riscos e perigos, que possa produzir nos outros gêneros, seus companheiros, ou que outros nele possam produzir, quando desviados de sua própria natureza. (LIMA, 1990: p.38)

Paulo Lima questiona a distinção feita entre jornalismo literário e o jornalismo convencional. De acordo com o diretor da Trip, “todo jornalismo deveria ter a pretensão de um acabamento e qualidade que a literatura propõe, apesar de saber que são duas coisas que têm diferença e propósitos distintos”. Além disso, é característico dos recursos literários nos causarem sensações, trazendo a tona lembranças, cheiros, sentimentos, imagens. Veríssimo mergulha nas suas próprias impressões provocando diversas sensações no leitor, deixando um sabor literário em suas reportagens. Exemplos: “*Como uma Cinderela chegando ao baile ou um membro da Família Buscapé em busca da antológica Brejo Seco, comecei a deslizar com minha charrete, controlando com desenvoltura os movimentos de Trovoada. Conectei-me com histórias de vidas passadas, quando eu usava bigas, cabrioles, quadrigas e carruagens*”; “*Recebo, atento, a minha missão: acompanhar e observar o zum-zum dos fãs diante da movimentação no palco*”; “*Zezé solta uma sonora gargalhada e entra no palco. Ufa, posso seguir minha ronda*”.

É visto que a literatura contribui com o jornalismo, porque dá a ele um valor literário; e o jornalismo faz com que a literatura, mantenha uma relação íntima com a realidade. Ambos se diferenciam, e ao mesmo tempo, se integram. Reiterando o que PENA (2011) diz:

Ao juntar os elementos presentes em dois gêneros diferentes, transformo-os permanentemente em seus domínios específicos, além de formar um terceiro gênero, que também segue pelo inevitável caminho da infinita metamorfose [...] Não se trata da oposição entre informar ou entreter, mas sim de uma atitude narrativa em que ambos estão misturados. (PENA, 2011: p. 21)

7. Considerações finais

Por jornalismo literário entende-se um gênero no qual não só o conteúdo é importante, mas também a forma como o texto se coloca é uma das preocupações fundamentais, sendo primordial a capacidade de recriar a realidade com um estilo próprio, construindo com isto um relato cuja propriedade mais destacada é seu estilo de narração. O exercício do jornalismo literário na década de 60, tão saudoso por muitos, fez história e marcou um período. Hoje, com uma prática – e espaço- um tanto discretos nos veículos de comunicação, este gênero vive mais nas lembranças, escritos e registros fotográficos.

Perante o contexto histórico e cultural atual, faz-se necessário – e urgente- o resgate de um jornalismo que traga reflexões, criatividade, ousadia para as páginas dos jornais e revistas. O destino da liberdade, em nossos dias, está intimamente ligado aos destinos da imprensa e por isso mesmo, é um tanto maior a responsabilidade do jornalismo. Distante de um pensamento maniqueísta em que de um lado está o jornalismo literário e de outro o jornalismo convencional, o propósito deste artigo foi apresentar um olhar sobre as práticas jornalísticas realizadas atualmente na imprensa brasileira e mostrar como esses dois tipos de jornalismo possuem práticas complementares.

Após uma breve análise das reportagens de Arthur Veríssimo, é possível identificar traços do jornalismo literário nas matérias produzidos pelo jornalista, na revista Trip. Os textos de Veríssimo apresentam o traço diferencial da literatura em face da não-literatura, quando o autor põe ênfase no estilo, como meio de expressão.

É perceptível o domínio da linguagem e das regras jornalísticas, como apuração dos fatos, informações verídicas, dados estatísticos e clareza. Porém, o repórter vai além, torna a narratividade a grande marca do seu trabalho inserindo recursos literários, descrições minuciosas dos acontecimentos, subjetividade e personalidade. A linguagem do autor tende a variar de acordo com a temática, porém nota-se que o jornalista tem a liberdade de seguir um estilo próprio, com narrativas em primeira pessoa, humor, informalidade e opinião. Veríssimo produz este tipo de trabalho jornalístico porque há espaço para esta prática no veículo de comunicação em que atua.

Apropriando-se das considerações de Bauman estudadas, pode-se dizer que o jornalismo produzido por Veríssimo na revista Trip não atende apenas as determinações mercadológicas, apresentando, portanto, como um produto cultural, com relevância estética e durabilidade.

Para complementar e enriquecer este estudo, o anexo deste artigo contém uma entrevista com diretor da revista Trip, Paulo Lima, falando sobre o trabalho do Arthur Veríssimo, jornalismo literário e revista Trip. Veríssimo também foi procurado para uma entrevista, porém, não foi acessível estabelecer um contato com o jornalista até o prazo final de entrega do artigo científico.

8. Referências bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. *Vida Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

CULLER, Jonathan. *Teoria Literária: uma introdução*. Trad. Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca produções culturais Ltda., 1999.

EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: uma introdução*. Trad. Waltenir Dutra. Martins Fontes: São Paulo, 1994.

LAJOLO, Marisa. *O Que é Literatura*. São Paulo: Brasiliense, 1995 (17^o edição).

LIMA, Alceu Amoroso. *O Jornalismo como Gênero Literário*. São Paulo: EDUSP, 1990.

LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. Barueri, SP: Manole, 2009 (4^a edição).

NECCHI, Vitor. *A (im)pertinência da denominação "jornalismo literário"*, disponível no site <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0527-1.pdf>, acessado em 21/04/2013.

PENA, Felipe. *Jornalismo Literário*. São Paulo: Contexto, 2011 (2^o edição).

RAMONET, Ignacio. *A explosão do jornalismo: Das mídias de massa à massa das mídias*. Trad. de Douglas Estevam – São Paulo: Publisher Brasil, 2012.

SCALZO, Marília. *Jornalismo de revista*. São Paulo: Contexto, 2006.